

Turbulência na Ásia frustra expectativa de reaquecimento da economia a partir de abril

Crise impede queda rápida de juros

Trajectoria continuará declinante, mas não com a velocidade desejada pelo Governo

GILSON LUIZ EUZÉBIO

ORECRUESCIMENTO da crise financeira na Ásia vai obrigar o Governo brasileiro a manter as taxas de juros altas por mais tempo do que desejava, apesar de todos os reflexos negativos da medida sobre as contas públicas e sobre a economia em geral. Quando dobrou as taxas de juros, em outubro, o Governo esperava poder reduzi-las no curto prazo, tanto que previa o reaquecimento da economia a partir de abril.

Em diversas conversas ontem, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, disse que a trajetória das taxas de juros continuará declinante. Mas de quanto será a queda, segundo o ministro, é impossível prever: isso vai depender da conjuntura internacional. Segundo os técnicos, os juros terão que continuar altos, porque ninguém sabe quando será o fim da crise. Depois de dobrar as taxas em outubro, o Governo fez reduções insignificantes nas taxas em novembro e dezembro. "Foram reduções ridículas", classifica um técnico.

Ataque - As pequenas quedas no final do ano passado serviram apenas para sinalizar ao mercado a intenção do Governo de adotar uma política de redução gradativa dos juros. Embora Malan prometa manter a mesma diretriz, os técnicos garantem que não há possibilidade atualmente de queda substancial nos juros, porque abriria espaço para um ataque especulativo à moeda brasileira. Com os juros altos, o custo de um ataque ao Brasil fica muito alto, praticamente eliminando o lucro que o especulador teria.

Preocupado com a crise internacional, Malan passou o dia ontem explicando as diferenças entre a economia brasileira e a dos países asiáticos. Na Ásia, há uma crise

no sistema financeiro, enquanto o sistema financeiro do Brasil passou por uma reestruturação e não oferece risco. Além disso, houve esgotamento da capacidade dos governos dos países asiáticos de resolver os problemas de seus países.

Alívio - No final da tarde, porém, Malan e sua equipe sentiram-se aliviados: o Banco Central terminou o dia sem precisar de vender um único dólar das reservas internacionais e a Bolsa de Valores de São Paulo fechou com alta de 1,19%. Ou seja, a tensão do início do dia, quando as bolsas abriram em queda, foi se desfazendo aos poucos. Isso, segundo os técnicos, confirma a tese de que, desta vez, a crise está restrita ao mercado de capitais.

A discussão agora recai sobre o custo de se evitar que a crise contamine o restante da economia do País. A própria equipe econômica tem dito que as atuais taxas de juros não podem ser mantidas indefinidamente, sob pena de jogar o País numa recessão e complicar ainda mais as contas públicas (com queda de arrecadação e aumento do custo de rolagem das dívidas). A questão agora, segundo os técnicos, é saber até quando o País vai continuar pagando esse alto custo.

Os mais otimistas acham, no entanto, que o agravamento da crise pode ajudar o Brasil a solucionar problemas estruturais, como as reformas da Previdência, administrativa e tributária, em tramitação no Congresso. Na crise de outubro, houve a percepção da gravidade da situação, tanto que o Congresso aprovou rapidamente as medidas adotadas pelo Executivo. Passado aquele momento e o aumento das vendas no fim de ano, segundo os técnicos, houve a impressão de que o perigo tinha passado, apesar dos alertas da equipe econômica.